



MAL-ESTAR DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Luana Maria Santos da Silva¹

Tanise Paula Novello²

Formação de Professores que Ensinam Matemática

RESUMO: Estudos evidenciam que um percentual significativo da população sofre de estresse laboral, neste aspecto destaca-se os profissionais da área de educação, pois o professor convive diariamente com uma demanda excessiva de trabalho, além disso o convívio cotidiano com alunos, pais e colegas gera, por vezes, situações de conflito que colaboram para sua vulnerabilidade ao estresse patológico. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo investigar o mal-estar do professor de matemática em relação à escola, os estudantes e seus pares, principalmente como essas relações diárias refletem no seu trabalho e na sua vida pessoal. Para tanto realizou-se entrevistas com professores de matemática das cidades de Rio Grande – RS e São José do Norte – RS, tais entrevistas foram organizadas em quatro eixos: perfil, ser professor, patologia e reflexão. Neste artigo, realizou-se um recorte e analisou-se somente dois eixos: perfil e ser professor. Assim, a partir do primeiro eixo mapeou-se o perfil dos professores participantes desse estudo, e a partir da análise do segundo eixo teceu-se discussões em torno dos sentidos e sentimentos relacionados à docência. Com essa pesquisa compreendeu-se que a insatisfação com a profissão, o salário e a carga horária em sala de aula estão entre os principais fatores que podem desencadear o mal-estar docente.

Palavras-chave: Mal-estar. Matemática. Professor.

INTRODUÇÃO

Vive-se a era do corre-corre, em que tudo deve ser feito da forma mais rápida possível e onde muitas vezes o contato pessoal é trocado por um computador ou celular, onde a sala de aula se torna um espaço cada vez menos atrativo e distante da realidade social, e com isso a relação professor-aluno é afetada e, em consequência, o processo de ensino-aprendizagem também. Neste contexto cria-se um ambiente em que o convívio se torna pouco flexível, e o professor acaba tendo mais predisposição para desenvolver um mal-estar docente.

A definição de mal-estar é trazida por Esteve como sendo “os efeitos negativos permanentes que afetam a personalidade do professor em resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência” (1992, p. 31). Em concordância, Gonçalves et al conceitua o mal-estar

¹ Graduanda em Licenciatura em Matemática. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. luanamaria@furg.br

² Doutora em Educação Ambiental pela FURG. Professora Adjunta do Instituto de Matemática, Estatística e Física e do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. tanisenovello@furg.br

[...] como sendo os comportamentos que expressam insatisfação profissional, elevado nível de estresse, absentismo, falta de empenho em relação à profissão, desejo de abandonar a carreira profissional, podendo, em algumas situações, resultar em estados de depressão. (2008, p. 4598).

Segundo dados de uma pesquisa realizada pelo *International Estresse Management Association* (ISMA - Brasil) o Brasil é o segundo país mais estressado do mundo, 69% da população sofre de estresse profissional (BARRETO, 2015). O mal-estar docente pode ser originado por diversos fatores externos e internos e essa pesquisa busca investigar o mal-estar do professor de matemática em relação à escola, os estudantes e seus pares, principalmente como essas relações diárias refletem no seu trabalho e na sua vida pessoal.

Esta pesquisa é parte de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Os resultados obtidos, assim como o roteiro de entrevista, foram subdivididos em quatro eixos: perfil, traçou-se o perfil dos professor; ser professor, analisou-se como o professor compreende a docência e como estão os seus sentimentos em relação aos alunos, a escola e aos colegas; patologia, buscou-se entender como o mesmo compreende a influência do estresse no ambiente escolar e sua saúde psicológica; reflexões, traz-se questões que permitem apontar reflexões de aspectos que podem ser mudados e como o professor vê sua atuação na prática docente. Porém, neste trabalho será tratado somente dos dois primeiros eixos.

A metodologia utilizada para a coleta dos dados constituiu-se de uma entrevista com professores de matemática de escolas públicas das cidades de Rio Grande – RS e São José do Norte – RS cujo objetivo foi investigar o mal-estar do professor de matemática em relação à escola, os estudantes e seus pares, principalmente como essas relações refletem no seu trabalho e na sua vida pessoal.

Para esse estudo foi feito um mapeamento em dois eventos nacionais consolidados pela sua periodicidade, um foi o Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM)³, e o outro foi o Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)⁴. Foi feita uma busca nos anais desses eventos a procura de trabalhos que tenham relação com o mal-estar ou estresse docente de três categorias:

³ Portal dos anais ENEM disponível em <<http://www.sbembrasil.org.br/sbembrasil/index.php/anais/enem>>.

⁴ Portal dos anais EDUCERE disponível em <<http://educere.pucpr.br/p1/anais.html>>.

comunicação científica, relato de experiência e mesa-redonda. As palavras chaves utilizadas na seleção dos trabalhos foram: estresse, mal-estar e bem-estar. A busca inicial nesses anais tinha como objetivo encontrar escritos que enfatizassem o estresse e mal-estar docente dos professores de matemática, porém como não foi encontrado nenhum trabalho nesses dois eventos com viés na matemática, então a busca foi ampliada para mal-estar e estresse docente dos professores em geral.

Não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse relação com o estresse ou mal-estar docente nos anais do ENEM dos cinco últimos anos. Já no EDUCERE a procura foi feita nos anais dos anos de 2008, 2009, 2011, 2013 e 2015 das categorias acima listadas e foram encontrados um total de 14 trabalhos que continham em seus títulos uma das palavras chaves. Posteriormente foi feita uma seleção desses 14 trabalhos para averiguar quais deles tratavam do mal-estar ou estresse docente e foram selecionados oito trabalhos.

Os oito trabalhos selecionados são referentes ao estresse docente de professores universitários (um trabalho); estresse docente na visão de coordenadoras pedagógicas (um trabalho); trabalho e terapia coletiva na superação do estresse (dois trabalhos); e estresse docente e como lidar com ele (quatro trabalhos). A seguir será apresentada a metodologia deste trabalho em torno das discussões dos sentidos e sentimentos relacionados à docência

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foi feita uma entrevista com quatro professores de matemática de diferentes escolas, idades e anos de atuação na educação básica. O roteiro da entrevista foi composto de 20 questões que são organizadas em quatro eixos: perfil; ser professor; patologia e reflexão.

Tabela 1 – Roteiro da entrevista realizada com os professores

PERFIL	Idade
	Sexo
	Ano de formação
	Tempo de atuação na rede pública
	Atua em que tipo de escola?
	Qual sua formação (Graduação e Pós Graduação)?
SER PROFESSOR	Como é sua relação com os alunos em sala de aula?

	O que você sente/sentimentos ao ministrar suas aulas?
	Como são seus momentos de planejamento das aulas?
	Você se sente realizado como profissional? Por quê?
	Quais são os aspectos positivos de ser professor e quais são os aspectos negativos?
PATOLOGIA	Você já teve algum sintoma de adoecimento psicológico que possa ser relacionado ao trabalho? Qual?
	Faz uso de algum medicamento psicoativo? Se sim, qual?
	Faz ou já fez algum tipo de acompanhamento psicológico? Se sim, qual?
	Você percebe sintomas de estresse nos seus colegas? De que forma isso se manifesta?
REFLEXÃO	Como você percebe a importância social do professor?
	O que você gostaria que mudasse na sua profissão?
	Hoje há baixa procura pelas licenciaturas, a que você atribui tal fato?
	O que você considera condições ideais de trabalho?
	Às vezes você pensa em trocar de profissão? Se sim, quais os motivos que levam a ter essa vontade e quais te fazem permanecer nela?

Fonte: Os Autores

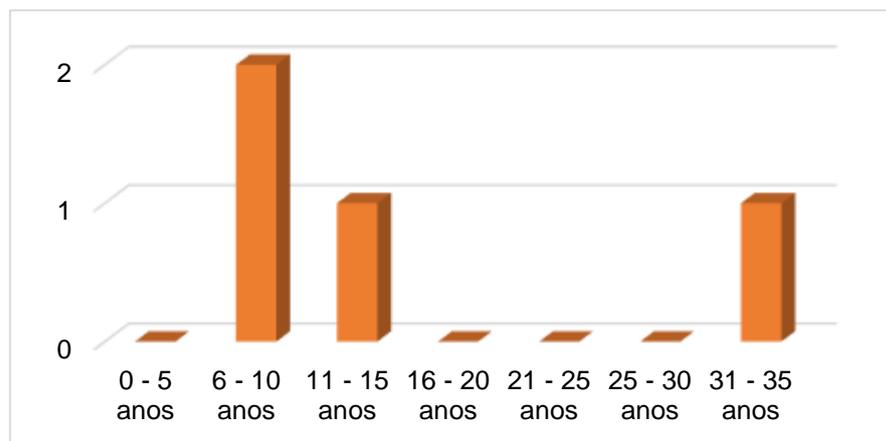
Os professores que participaram dessa pesquisa foram escolhidos pela proximidade e o único critério aplicado foi a diferença do tempo de docência. A entrevista foi realizada com professores de matemática das escolas públicas de ensino fundamental e de ensino médio das cidades de São José do Norte – RS e Rio Grande - RS.

A partir da análise do eixo perfil, definiu-se o perfil geral dos entrevistados, evidenciando a formação, o tempo de atuação na docência, o tipo de escola em que trabalha, a idade e o sexo. Cabe salientar que todos os entrevistados têm sua formação inicial em Licenciatura em Matemática e concluíram a mesma entre os anos de 1993 e 2005. Dos entrevistados, 75% possuem pós-graduação e essa constatação é corroborada com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP,1999) que apontam

constante melhora na qualificação desses professores. No período de 1990 a 1998, o percentual de professores sem pós-graduação caiu de 34,5% para 18,7%. O de professores com especialização teve uma pequena alta, elevando-se de 31,6% para 34,9%. Já o número de professores com mestrado variou de 21,1% para 27,5% e o de professores com doutorado, de 12,9% para 18,8%.

Outro dado significativo para traçar o perfil dos entrevistados é a experiência na docência em escolas públicas. O Gráfico 1 mostra que o maior número de professores com experiência em docência está no intervalo de seis a 10 anos. Cabe ressaltar que 50% dos professores atuam tanto em escolas de ensino fundamental quanto de ensino médio, 25% somente em escolas de ensino fundamental e 25% somente em escolas de ensino médio.

Gráfico 1: Tempo de atuação na rede pública dos entrevistados.



Fonte: Os Autores

Em relação ao perfil de faixa etária dos entrevistados, temos que a média de idade dos professores é de 40 anos. Sendo que 75% dos entrevistados são do gênero feminino.

A seguir será analisado o eixo ser professor, onde se trará as falas dos professores juntamente com a corroboração de alguns autores que contribuirão no entendimento sobre os sentimentos, anseios e angústias relacionados à prática docente.

RESULTADOS

A discussão dos resultados está organizada a partir das questões do eixo ser professor que balizaram a conversa com os entrevistados. Serão trazidos extratos das falas para dar visibilidade ao que se está discutindo articulando com autores que subsidiam o compreender. Os entrevistados serão identificados por Professor α , Professor β , Professor γ e Professor δ a fim de garantir o anonimato dos mesmos. A seguir será tecida a análise a partir das respostas dos professores referente ao segundo eixo do roteiro da entrevista.

Sentido e sentimentos de ser professor

Ser professor não é somente ir para a sala de aula e ministrar conteúdos, ser professor é viver a profissão, é fazer a diferença na vida dos alunos, é mostrar a importância dos conteúdos no cotidiano deles, é preparar as aulas com amor e pensando no melhor jeito dos alunos entenderem o que está sendo proposto.

Durante a entrevista foi questionado aos professores como era a sua relação com os alunos e todos relataram que as relações estabelecidas eram tranquilas e pautadas no respeito e na parceria com os alunos, como mostra o seguinte fragmento:

“É uma relação de respeito mútuo, eu respeito eles e eles me respeitam.”
(Professor δ)

Esse ponto é importante, pois se os professores desenvolvem uma relação saudável com os alunos isso ajuda no aprendizado, pois os alunos gostam de sentir-se reconhecidos e respeitados durante as aulas, e assim, como o professor os respeita e os trata bem, eles irão refletir essa relação. Segundo Elisandra Mottin Freschi e Márcio Freschi

As relações interpessoais passam por uma expressão de amor que deve estar baseada no equilíbrio e na compreensão, onde o papel do professor é atender seus alunos com manifestações de afeto sem abrir mão dos limites necessários para que se construa uma dinâmica de respeito a todos que interagem neste grupo. (2013, p.4)

Percebe-se na fala a seguir do Professor β que é importante e necessário o professor estabelecer um limite para os alunos e essa fala é corroborada com a citação acima.

“Procuro manter uma aproximação amigável e descontraída, mas, sempre estabelecendo os limites necessários para uma boa convivência.”
(Professor β)

Tão importante como a relação professor-aluno, está o sentimento dos professores ao ministrar as aulas, pois esses dois aspectos estão interligados e os mesmo compõem um peso considerável na satisfação profissional do professor. Através de outro extrato da entrevista observa-se que os professores sentem prazer, alegria e satisfação quando estão lecionando aos alunos.

“Não sei se ministro aulas! Quando estou naquele espaço os meus sentimentos são sempre bons e procuro manter uma troca de energias agradáveis com meus alunos.” (Professor β)

Essa “troca de energias” é uma forma de estabelecer uma relação sadia tanto para o professor, quanto para o aluno, pois quando o ambiente da sala de aula é leve e tranquilo isso ajuda no aprendizado dos alunos. Segundo Elisandra Mottin Freschi e Márcio Freschi

o ambiente numa sala de aula onde existe uma relação de confiança e respeito torna-se alegre e motivador. Faz com que o aluno enxergue a escola como um local importante e sinta prazer em saber que a frequentará durante alguns anos da sua vida. (2013, p.10)

Entretanto, poucos professores manifestam sentimentos de alegria e prazer em fazer a diferença na vida dos alunos, alguns estão preocupados em somente ministrar suas aulas. Acredita-se que esse comportamento é consequência da grande desmotivação dos professores, que engloba todas as áreas da educação e está ligada a estudos sobre o mal-estar docente

as precárias condições de trabalho que vão da falta de recurso didáticos e tecnológicos, do grande número de alunos por sala de aula, aos baixos salários e às longas jornadas de trabalho e que, por não serem enfrentadas e resolvidas, fazem do professor um profissional com pouca esperança. (PIRES, BERANGER, 2009, p. 79)

Nesta perspectiva, outro fator que também influencia no mal-estar docente, principalmente, no caso do professor de matemática, é o alto índice de reprovação dos alunos, embora Pires e Beranger salientem, que para alguns professores de matemáticas e para a maioria dos pais de alunos, tirar nota ruim em matemática é algo aceitável. Cabe, somente, ao professor mudar essa visão, o mesmo não deve se acomodar com o estigma de que a matemática é difícil (SILVEIRA, 2002), compete a ele buscar orientações e métodos diferenciados para envolver os seus alunos.

Embora a maioria dos entrevistados tenha relatado apenas aspectos positivos, percebe-se através dos relatos que alguns fatores causam um pouco de insatisfação nos professores, dentre eles estão a carga horária da disciplina e a organização dos conteúdos programáticos, pois devido a esses fatores a maioria dos alunos chegam com um *déficit* expressivo nos conceitos matemáticos e isso

algumas vezes acarreta angústia para abordar os conteúdos obrigatórios no tempo previsto, segundo o professor δ , os professores acabam não podendo se deter muito quando alguns alunos têm pequenos *déficit* e muitas vezes isso os deixa um pouco desmotivados, pois eles não conseguem se aprofundar ou trazer muitas coisas novas pois isso demanda bastante tempo.

“Tem que ter um mínimo ali que tu consegue ir com eles e se tu quiser ultrapassar essa barreira já é complicado porque eles tem uma base muito fraca, eles chegam com muitas dificuldades, então isso é o que não me dá assim, uma realização plena por ter que ficar tão restrita né?” (Professor δ)

Como afirma Lipp (2012, p.11), “vivemos constantemente no corre-corre, nossos horários são desrespeitados, perdemos horas de sono, alimentamo-nos mal e não reservamos tempo para o lazer. O resultado não pode ser outro: fadiga crônica ou o tão popularizado estresse.” A maior parte da população sofre com essa agitação diária e no meio desse universo os professores, às vezes, se destacam por possuir uma carga horária de trabalho abundante, o que conseqüentemente resulta em sobrecarga e estresse, fato que pode ser corroborado no presente estudo, em que dos quatro entrevistados, três possuem carga horária de 40 horas semanais e um possui carga horária de 60 horas. Essa situação faz com que o professor fique mais propenso a sofrer um esgotamento físico e psicológico, o que pode futuramente evoluir para um estado mais crítico, como desenvolvendo uma Síndrome de Burnout⁵ (LIPP, 2012, p. 64).

“O professor atuando no Ensino Básico é pouco valorizado e por conseqüência para conseguir uma melhor remuneração precisa trabalhar em vários lugares, ficando sobrecarregado e muitas vezes sem condições de realizar o trabalho que desejaria fazer.” (Professor γ)

A fala do professor, evidencia que a carga horária de trabalho também afeta o planejamento das aulas, uma vez que se passa muito tempo na escola ministrando aulas, o tempo para o planejamento das mesmas acaba sendo realizado em casa, e com isso os planos acabam sendo feitos em horários bem restritos e isso, muitas vezes, resulta em planejamentos de baixa qualidade. Outro agravante que dificulta o planejamento são as fontes de apoio oferecidas pela escola para elaborar os planos

⁵ Síndrome de Burnout “é um tipo especial de stress ocupacional que se caracteriza por profundo sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado, sentimento que aos poucos pode estender-se a todas as áreas da vida de uma pessoa. (LIPP, 2012, p.64)

de aulas, pois os livros didáticos oferecidos, muitas vezes não trazem contextualizações que refletem a realidade dos alunos. Logo, muitas vezes o professor necessita procurar outras fontes para que elaborar seus planos de aula.

As condições de trabalho em muitas escolas, tanto particulares quanto públicas, deixam a desejar, não proporcionam aos professores o material necessário para suas atividades e inibindo iniciativas de professores criativos que demandam recursos financeiros. (LIPP, 2012, p. 19)

Um aspecto importante que influencia na realização do professor é a falta de valorização profissional que ele sofre durante toda a sua carreira, pois muitas pessoas veem a docência como uma profissão que possui salários baixos, sem prestígio e que trabalha bastante.

“Apenas não sou realizada com minha carreira profissional porque gostaria de ser mais valorizada e ter uma carreira que me propiciasse uma ascensão profissional, o que no presente não acontece no sistema público estadual.”
(Professor γ).

Confirmando esse fato, temos o estudo de Lipp, que afirma o seguinte:

Infelizmente, ocorreu uma deterioração das condições da formação e da prática profissional do professorado no Brasil, hoje tão desvalorizado no próprio universo acadêmico, na mídia e na sociedade em geral. Diversos trabalhos na literatura mundial mostram que ser professor é uma das profissões mais estressantes na atualidade. (LIPP, 2012, p. 15)

Outros aspectos que influenciam na realização profissional são a carga horária, como já mencionamos, e a remuneração da classe docente, como mostra o seguinte relato:

“Eu não fico plenamente realizada como profissional porque eu queria desenvolver mais a matemática, eu tenho muito mais a dar do que eu dou, e a questão do salário também é uma coisa que não dá pra pessoa dizer que... profissionalmente sou realizada, mas financeiramente não. Acho que o professor deveria ser mais valorizado também né, pra de repente trabalhar menos pra poder se dedicar mais ainda e ter mais resultados.”
(Professor δ)

Apesar da falta de reconhecimento, atribuída especialmente a valorização financeira, os professores enfatizam a relação com os estudantes como um dos aspectos positivos, a relação professor-aluno, que embora em alguns casos possa ser problemática, na maioria das vezes é tranquila e prazerosa. O professor ao

despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades tem a oportunidade de perceber o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivo como elementos fundamentais no desenvolvimento do estudante.

Salienta-se que a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação de empatia com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos, da criação das articulações entre o seu conhecimento e o deles.

“Exercer uma profissão que lida com pessoas e que pode ajudá-las no seu desenvolvimento pessoal e profissional através do conhecimento.”
(Professor γ).

“É gratificante tu ver teu aluno ali entendendo o conceito que tu passou né, tu ver, às vezes, a felicidade deles por ter entendido um conteúdo.”
(Professor δ).

Porém, para Aguiar e Almeida o professor precisa atentar-se quando se trata de envolvimento com os alunos, pois “alguns docentes sofrem com a identificação excessiva que têm com seus alunos, pois percebem as crianças como se fossem dependentes deles.” (AGUIAR e ALMEIDA 2011, p.73). Assim, pode acontecer do professor deixar os problemas dos alunos interferirem na sua vida e rotina pessoal. Entretanto, esse assunto não pode ser levado aos extremos “por outro lado, alguns professores desenvolvem sintomas reativos como forma de negar e afastar-se das reais dificuldades dos alunos e tornam-se profissionais rígidos, inflexíveis e intolerantes” (AGUIAR e ALMEIDA, 2011, p.73), então, se o professor ignorar de todas as formas os problemas e a realidade dos alunos isso também afetará sua saúde e o mesmo não será uma pessoa feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto acima percebe-se a carência de pesquisas sobre o mal-estar do professor de matemática, pois existem poucos trabalhos que tratam exatamente desse caso, isso foi constatado ao analisar os anais do ENEM e do EDUCERE, que embora sejam eventos grandes e conceituados, em nenhum deles continha trabalhos relativos ao mal-estar especificamente do professor de matemática.

Embora essa pesquisa tenha tratado apenas de alguns casos particulares, pois a amostra foi relativamente pequena, acredita-se que as análises são fidedignas a realidade da maioria dos professores. Contudo, percebe-se que ainda há necessidade de estudos sobre o mal-estar docente, especialmente na área da matemática.

A partir das entrevistas identifica-se que o estresse docente está cada vez mais presente nas escolas, e o mesmo prejudica as relações profissionais e pessoais dos servidores da educação. Concluiu-se também que quando os professores estão satisfeitos com a profissão e tornam a atividade de lecionar algo leve, dificilmente eles irão desenvolver transtornos psicológicos graves.

Não há uma única solução para o problema do mal-estar docente, mas através do que foi exposto neste trabalho acredita-se que talvez uma medida que possa ser eficaz seja fazer uma formação dentro da carga horária dos professores voltada para a motivação, onde eles consigam ter motivações para continuar no trabalho docente com prazer. Outra medida seria incentivar os professores a buscar acompanhamento psicológico, tanto para tratar o transtorno do mal-estar, quanto para adotar medidas que impossibilitem o desenvolvimento do mesmo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. M. R. ALMEIDA, S. F. C. **Mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores**. 1ª ed. (ano 2008), 1ª reimpr. / Curitiba: Juruá, 2011.
- BARRETO, N. **Brasileiro é o 2º mais estressado do mundo**. Atribuna, Vitória, 30 de abril de 2015. Disponível em:
<<http://www.ismabrasil.com.br/img/eestresse52.pdf>> Acesso em: 7 mai. 2017.
- ESTEVE, J. M. **O Mal-Estar Docente**. Lisboa: Escher, 1992.
- FRESCHI, E. M, FRESCHI, M. **Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar**. Disponível em:
<http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- GONÇALVES, J. P et al. **O mal-estar docente segundo a percepção de coordenadores pedagógicos da rede pública de cascavel**. Disponível em:
<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/830_607.pdf>. Acesso em 13 mar. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (BR). **Aumenta o número de professores com mestrado e doutorado.**

Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1999.

LIPP, M. N. **O estresse do professor.** 7^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

PIRES, C. M. C. BERANGER, M. **O fenômeno do mal-estar docente: o caso do “professor de matemática”.** Disponível em:

<[https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-](https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2009v4n1p78/12162)

1322.2009v4n1p78/12162> Acesso em 15 out. 2016.

SILVEIRA, M. R. A. **“Matemática é difícil”**: um sentido pré-construído evidenciado na fala dos alunos. Disponível em:

<http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_25/matematica.pdf

> Acesso em: 7 mai. 2017.